

## **A DIÁSPORA E AS RELIGIÕES: DESVELANDO PRÁTICAS CULTURAIS E RELIGIOSAS**

### **O NAVIO NEGREIRO – MARKUS REDIKEER**

**Gyorgy Henyei Neto**

**Mestrando do programa de pós-graduação em Ciências da Religião na PUC-SP**

Corpos sobre o Atlântico Negro

A transformação de corpos humanos, viventes e vivos, em mercadoria e em número, na costa da África, foi o ponto de impacto que fez eclodir e crescer o germe do capitalismo transnacional, a partir do século XVI. Esse germe, já possuidor de uma vitalidade perceptível, necessitava de mais espaço, como um bebê que precisa se mudar de seu berço para uma cama quando não pode mais se movimentar, pois já tomou conta de todo o espaço e de todos os meios de produção de subsistência. O bebê, se quiser que continue crescendo, deverá ser trocado berço, às vezes de dormitório. Numa casa pequena, limitada, mas que queira que o bebê tenha rapidamente o crescimento esperado, o que se espera é que algum membro da família sofra, ao perder seu domínio e sua liberdade, para o bem de um sistema em desenvolvimento. No momento da escolha, obviamente, quem tiver menos poder, menos força dentro dos meios de produção da casa será extirpado de sua legítima vivência e mesmo de sua liberdade, passando de membro da família para subjugado do sistema.

Assim foi com os corpos negros da África. Membros da humanidade que, para o bem do capitalismo, que não tinha mais para onde crescer apenas na Europa e adjacências, perdem sua condição humana para servir como trampolim econômico e político para um crescimento fértil e legitimado da estrutura de poder.

A narrativa da derrocada da liberdade africana é composta de diversos processos, interesses e condições propriamente viáveis para a produção de uma literatura que

explícite âmbitos de verdade. Uma dessas narrativas se baseia na construção do deslocamento e alojamento dos corpos negros e as consequências sociais e políticas que surgiram a partir de vertentes dissidentes do sistema que, percebendo os pormenores da escravidão, decidem desconstruir a antiga legitimação da escravidão. “O Navio Negreiro”, de Marcus Rediker, oferece uma historiografia das rotas comerciais do tráfico negreiro, mostrando tanto seus aspectos estruturais e funcionais, quanto das repercussões das investidas antiescravistas que emergem do mar de histórias que envolve os navios e sua tripulação.

Rediker inicia seu livro com a história de uma mulher que não tem nome. Nesse pequeno preambulo inicial, ele conta a última jornada de uma mulher que “várias vezes ao longo do caminho, ela fora vendida” (pág. 9). No meio dessas muitas compras e vendas de seu próprio corpo, ela vai ouvindo sobre os navios, *owba cocoo*, que levaria todos aqueles que estavam junto com ela na canoa para uma vida de tristeza e terror.

Num momento eram imagens em sua cabeça, demônios brancos, espíritos estranhos que vinham buscar seus parentes e amigos e levá-los para as grandes ilhas flutuantes. No momento seguinte, era ela mesma quem vivenciava a dor, o sofrimento e a morte. O trecho diz que era considerada velha para o navio, onde apenas os menos debilitados eram colhidos de sua terra natal e levados para as engrenagens do outro lado da “água grande”.

Esse pequeno trecho remete a diversas relações, momentos e pequenos detalhes, que serão trabalhados com mais afinco no decorrer do livro. Um desses pormenores é o encontro de diversas etnias dentro do navio. Muitas vezes, africanos eram misturados como se fosse um todo disforme, colocando lado a lado membros de grupos sociais que não compreendiam a língua um do outro, não faziam ideia de que o outro existia, ou pior, que eram inimigos mortais quando em sua condição normal. Na compra de corpos, isso não vinha ao caso.

Quando as caravelas aportavam na costa africana, muitas vezes permaneciam ali por alguns meses. Enquanto isso, embarcações menores percorriam as rotas fluviais interiores do continente, buscando a mercadoria. Já em África, o escravismo existia. Grupos poderosos faziam os mais fracos prisioneiros. Desse modo, faziam aliança com os europeus e vendiam seus escravos para os navios negreiros. Um trecho mostra uma das vertentes dessa modalidade interna de escravidão africana:

“O homem embarcou no navio negreiro *Brooks*, em fins de 1783 ou início de 1784, com a família – a esposa, duas filhas e a mãe –, todos condenados por bruxaria. Ele fora comerciante, talvez de escravos; era de uma aldeia chamada Saltpan, na Costa do Ouro. Provavelmente pertencia a etnia fante. Falava inglês e, embora aparentemente se recusasse a falar com o capitão, conversou com membros da tripulação e explicou como fora escravizado. Ele tivera uma discussão com o “coboceer” (chefe da aldeia), que em represália o acusara de bruxaria. Com isso o homem e sua família foram condenados e

vendidos para o navio. Agora ele estava a caminho de Kingston, Jamaica” pág. 26.

Esse trecho mostra como as relações entre membros de uma mesma etnia e seus conflitos sociais e culturais podiam acarretar na jornada sem volta para o navio.

### Construindo a Torre de Babel

Os compradores americanos e europeus estavam cientes da enormidade linguística existente na África Ocidental. A multidão de línguas e conseqüentemente de culturas muito distintas, fazia com que a compreensão da África fosse de interesse marcante para a conquista da região. Esses comerciantes de corpos sabiam que, por serem de fala e cultura distintas, muitos não se entendiam, outros tantos não se suportavam e outro sem número se matasse normalmente, trivialmente. Essa Babel de individualidades foi, de modo muito bem e friamente analisado, utilizada como uma das formas mais sutis e pertinentes de conter rebeliões, já que para que haja uma rebelião deve haver um inimigo comum, ao invés de vários inimigos em comum. Havia inclusive casos extremos de pessoas que não entendiam ninguém que estava com eles.

Essa instabilidade cultural e linguística era capaz de conter uma insurreição, já que, como diz Rediker, para se fazer uma rebelião é necessário que se entenda o que os líderes da revolução estão dizendo. Na tentativa de sobreviver, muitos dos negros a bordo aprendiam a língua falada pelos marujos, geralmente o inglês. Desse modo, podiam manter relações de empatia com os membros da tripulação, tendo em vista duas coisas: ou uma eventual rebelião surpresa, ou uma possibilidade de sobreviver, ao menos durante a passagem do meio.

### A Passagem

A travessia pelo oceano trazia consigo não apenas os perigos do mar e o tempo interminável que expunha os tripulantes a fadiga extrema. O confinamento permitia tanto uma manutenção da relação entre tripulação e mercadoria, quanto o constante perigo de uma insurgência revoltosa dos escravos negros. Por todos os navios, histórias de ambos os lados foram postas a público pelo trabalho profundo de Rediker em dar voz àqueles que não mais podem se defender ou defender sua memória.

O grande interesse pela obra de Rediker é a tentativa de não tomar partido numa situação em que a questão do politicamente correto nos leva a sempre questionar situações abusivas sem antes entender e correlacionar o tempo e o âmbito em que essas situações tomaram forma. Não basta simplesmente construir uma imagem de embate injusto entre o branco corrupto, maldoso e que buscava apenas o lucro, e de outro lado o triste exemplar humano, destituído de sua condição de homem e mulher, para passar a ser visto como um número a adentrar o navio e mais um punhado de dólares, libras ou qualquer outra moeda de troca entrando em bolsos americanos e ingleses.

O autor, de maneira sutil, mostra que a questão é muito mais profunda e que não basta definir dois lados opostos de uma exploração macabra. De fato os escravos negros

foram expostos a profundos sofrimentos, tanto em África quanto no navio. A passagem do meio reservava ainda uma mais intensa extirpação do resto de vida que o africano, já unidade disforme, possuía. Muitos não mais queriam ter tamanha responsabilidade, desejando se livrar de sua própria existência, tirando sua vida. O ato de tirar a própria vida era tanto um extremo de sofrimento, de conformidade com a situação, quanto também uma forma de mostrar aos “demônios brancos” que ainda eram humanos, e que em seu último ato de sanidade, de humanidade e de independência, privaria o capitão de seu lucro, mesmo que seja apenas mais um número.

Temos de um lado o branco, dominador, cruel e capitão da ilha flutuante pavorosa; de outro temos o negro, sofredor, destituído de sua própria condição humana. Mas, por todos os muitos personagens vistos na obra de Rediker, não se pode reificar e fixar apenas dois papéis nessa relação. Personagens reais, quando expressam seu depoimento, mesmo depois de deixarem a vida, ainda assim fomentam um diálogo de como era e como funcionava a grande máquina do tráfico. Negros, escravos, comerciantes, ricos capitães, pobres marujos, entre muitos outros tipos particulares, formam a narrativa que mostra que com muitas faces se faz o tráfico. E dessas muitas faces, a maioria correspondia a pobres, sem futuro, que viam no tráfico uma forma de viver mais um dia, mesmo que em situação pior a qual se encontravam.

Em um trecho da obra, Rediker fala de um marujo dançante. Nesse pequeno conto, ele quer mostrar o estereotipo do marujo comum inglês, que não tinha futuro, não se lembrava de seu passado e tinha apenas o presente, representado por 15 xelins, que não durariam nem até o outro dia pela manhã. “Chegado em dança, uma desbocada ‘pedra que muito rola’ que não ligava a mínima para o amanhã. Mas lá estava também um homem de espírito independente, apreciador da autonomia propiciada por seus bolsos cheios...” pág. 232. Neste momento, a cidade de Liverpool estava prestes a sofrer uma intensa batalha urbana, por causa dos baixos salários dos marinheiros e pelo surgimento de empreitadas mais fortes pelo fim da escravidão e do tráfico.

Os marujos não tinham muitas escolhas na vida. Eram muitas vezes desempregados, filhos de capitães, nobres destituídos de suas heranças, que recebiam o trabalho nos navios negreiros como uma forma de sobreviver dentro do capitalismo intenso. De uma forma ou de outra, não passaria sem sofrimento e dor pela passagem. Muitas vezes os marujos e escravos eram tidos como semelhantes, colocando os membros da tripulação como outro tipo de mercadoria, uma funcional para o momento, enquanto o escravo era um tipo de máquina diferente, para outro momento e lugar. Não obstante, os marujos também recebiam cuidados e castigos como os escravos. Algumas vezes sofriam punições e coerções ainda mais duras que os africanos. Isso se explica pela necessidade de o escravo chegar ao outro lado da jornada com um mínimo de condição para trabalhar e viver por alguns anos. O marujo não. Para o capitão, quanto mais marujos morressem em seu navio, mais receberia das grandes companhias de seguro do tráfico.

Em outra situação, havia aqueles marujos que, mesmo sendo parentes de grandes nomes do tráfico, eram inseridos no orçamento do navio. Era o caso de Samuel Robinson,

sobrinho do capitão Alexander Cowan. Samuel fez parte da tripulação para escrever um diário da viagem e se opor a grande insurgência abolicionista. Tinha uma fantasia sobre o mar que começou a se esvaír quando sofreu com a tirania e a brutalidade dos capitães, inclusive seu próprio tio, e viu sua carreira de marujo ir por água abaixo.

Havia ainda aqueles escravos que, por diversos motivos, conseguiam se valorizar e ficar mais próximos da tripulação. Um dos casos foi de uma negra, chamada de Sara pelo capitão Jenkin Evans. Ela se tornou uma das favoritas do capitão, pela sua beleza, desenvoltura nas “danças” matinais e seu carisma. A partir dessa condição privilegiada, auxiliou seus companheiros de martírio a tentar uma investida contra o navio, esperando poder toma-lo.

Dentre todas essas diversas facetas do tráfico, um personagem é bastante interessante, oferecendo uma descrição de dor, sofrimento, mas também de força, incentivo e compreensão de cada lado da máquina. Equiano Olaudah, mais conhecido por Gustavus Vassa.

Equiano era um ibo, que conseguiu sobreviver à passagem e escrever suas memórias, expondo a tortura e o trágico destino dos escravos negros. Ele era membro de uma família forte em sua região e seu pai era o chefe de sua aldeia. Inclusive, eles próprios possuíam seus próprios escravos, mas que era marcadamente diferente da situação mercantil do grande sistema do tráfico europeu. Certo dia, Equiano e sua irmã foram sequestrados e levados a um mercador de escravos. Rediker diz que, nesta época, a terra natal de Equiano passava por dificuldades, como a seca e a fome.

Quando adentrou o navio negreiro, separado de sua irmã, começou sua descrição da passagem do meio, o que, nas palavras de Rediker, era “a personificação da crueldade, degradação e morte.” Pág. 129. Dentro do navio, Equiano sofreu todas as duras penas de ter sido destinado a ser um escravo negro nas mãos de um capitão branco. Sendo vendido de porto em porto, fazendo amizades para logo em seguida ter esse amparo arrancado de sua vida, Equiano narra sua jornada pela compreensão, aceitação e tentativa de mudança através da exposição das entranhas do organismo negreiro. O desmembramento constante, desde a entrada no navio, até a separação de companheiros de curta data, não fez com que Equiano desistisse.

Equiano viu que seus companheiros escravizados – a ‘multidão de negros de todos os tipos acorrentados juntos’ – também constituía um grupo heterogêneo de diferentes classes, etnias e gêneros, misturados de qualquer jeito a bordo do navio negreiro. [...] Como muito de seus ‘conterrâneos’, Equiano iria pouco a pouco chegar a uma nova compreensão do provérbio ibo ‘Igwe bu ke’ – ‘a união faz a força’. Pág. 139-140.

Dentro dessa devastação da condição humana, ainda pode ser criado laços de amizade, entre africanos de diversas etnias, culturas e religiões, o que produziu muito do sincretismo religioso que vemos no Brasil, e também entre marujos brancos, que muitas

vezes sofriam os mesmos sofrimentos pelas mesmas mãos brutais dos capitães, mesmo que estes sejam menos cruéis que outros. Foi o caso de John Newton, um capitão cristão que, tendo sofrido as torturas nos navios e também nas *plantations*, agradece a Deus pela sua posição superior e por tê-lo tirado das terras do Egito, em diversas cartas a sua esposa. Ainda que sua fé cristã e seu passado sofrido como escravo segurasse o peso de sua mão, era um capitão de navio negreiro, o que correspondia a uma posição autoritária de imposição de torturas e causa de sofrimento a seres humanos contidos em caixas de madeira. Rediker afirma que “Newton pode ter saído do Egito, mas agora ele trabalha para o faraó. Estava cego para essa semelhança” pág. 194.

Equiano também mostra a força de suas ideias, quando questiona uma interessante coerção provinda de seus comandantes. Em todo o navio em que estivera, foi chamado por diversos nomes, o que poderia fazer com que o homem ainda se alienasse quanto a sua própria identidade. “a atribuição de um novo nome podia ser um ato de agressão e dominação” pág. 139. O domínio e o controle impõe uma ideologia, sem que seja possível o diálogo ou o questionamento. Nomear, como Equiano conclui, é um ato de poder. Desse modo, ao contar sua história, não nomeia ninguém, nem mesmo sua irmã, para que não controle a ideia da existência, mas dialogue com a permanência de uma afronta ao incontrolável tráfico de corpos por sobre o Atlântico Negro. O diálogo é a fundamentação para a criatividade. A criação, a invenção e a compreensão são meios de poder tornar todas as experiências ruins, de sofrimento e tortura, de medo e desmotivação, em âmbito de realidades, expostas para que se produza saber, para que se crie entendimento e que se organize uma relação onde antes havia apenas destruição e morte.

#### Realidades objetivadas do Navio Negreiro

Alfonso López Quintás nos mostra que nós, como seres humanos, estamos em um nível de relação que se difere e supera um nível inferior reificado. Os ensaios sobre os âmbitos e os níveis de realidade nos fazem perceber que, dentro do Navio Negreiro, a condição humana caía para um nível inferior de realidade. Saber lidar e dialogar com diferentes realidades reque que, primeiramente, saibamos distinguir objeto de sujeito, sujeito de âmbito e, principalmente, uma realidade objetiva de uma realidade ambital. Em suas próprias palavras, Quintás diz nos faz pensar rigorosamente:

“Que tipo de união temos com os objetos? Agarro-me fortemente à mesa na qual estou apoiado. Minha união com ela é intensa mas pobre; levanto minha mão, e nada mais me resta; não se criou nada de novo” pág. 100

Essa é uma realidade objetiva, ou objetivada. Uma relação de simples manuseio superficial que não leva a criação, a experiências e nem a realidades ambiais. Quintás continua:

Aproximo-me de um piano e acaricio a superfície lisa de sua tampa. Faço-o com ternura e carinho. Contudo, minha união com o piano não deixa de ser parcial e, portanto, pouco valiosa.

A realidade ainda não apresenta nenhum significado, não há diálogo com o objeto. O objeto piano ainda é um objeto inanimado que não cria nem inventa realidades, mas continua estando na condição de mera existência física, em que acaricia-lo, abrir sua tampa ou comer em cima dele se entende num mesmo nível de união, ou seja, objetiva. Mas em sua conclusão, Quintás mostra a passagem da realidade objetiva para a ambital.

Se eu abro o console e executo uma peça, a minha união com o piano como instrumento é muito superior em qualidade, e o é ainda mais a união que crio com a obra interpretada e com seu autor.

A criação de um âmbito passa, portanto, pela relação dialogal que se produz entre o sujeito e o objeto ou entre sujeito e sujeito. Quando se sabe conversar na mesma língua, ou na mesma realidade, se constrói um âmbito, que engloba valores e ao mesmo tempo cria níveis superiores de entendimento e compreensão.

Quintás diz da queda de um nível superior de realidade a outro inferior que é uma forma de se produzir diálogo também. É uma forma cômica e engraçada de se questionar os modos de ser, a política, a sociedade e o homem. A queda de um patamar superior para um inferior, como numa piada por exemplo, se converte em graça, que no fundo não deixa de ser um tanto cruel, mas que, como afirma Quintás, a piada não deve ser cruel ao ponto de chegar ao nível do satírico.

No navio negreiro, entretanto, vemos uma queda de patamares de realidade que não é nada cômica nem graciosa. Os inúmeros corpos negros, corpos humanos antes de tudo, são empurrados para um nível inferior de união, em que não correspondem mais a uma obra musical interpretada, que é criativa, que constrói âmbitos, que inventa diálogos; aqueles seres foram despedidos de sua ambitalidade, de sua possibilidade de construir diálogo, para caírem para um patamar inferior, um patamar de piano em mãos que não falam a língua das notas musicais; um patamar de tela em pincéis sem tinta nem compreensão estética da arte; um patamar objeto utilitário, nas mãos de sujeitos que não sabem dialogar. Quintás demonstra que existe sim uma hierarquia entre níveis de realidades, como entre um pedaço de madeira e um piano, entre um simples piano e um músico tocando Für Elise de Beethoven. Mas a hierarquia coloca os seres humanos como seres ambiciais, seres de diálogo e de união, que não devem ser colocados em patamares inferiores das pedras e pianos.

O Navio Nегreiro, como formatação de uma união física entre brancos europeus e negros africanos, não pode ser considerado âmbito; aqui não há criatividade, mas apenas desconhecimento.

“Conhecer a fundo um objeto, fichá-lo, inventariá-lo é, em si mesmo, algo de bom para o homem; constitui um valor. Mas tentar conhecer

um ser humano da forma como se conhece um mero objeto significa uma invasão de domicílio, uma ingerência ilegítima, um atropelo. E provoca o distanciamento. Constitui, portanto, um antivalor.” Pág. 80.

### **Referências**

Marcus Redikeer, o Navio Negroiro.

Lópes Quintás, Alfonso. Inteligência criativa: descoberta pessoal de valores. São Paulo: Paulinas, 2004.